



António Pedro Ferreira

«grande qualidade» e o facto de ele incluir uma área de 1.200 metros quadrados destinada a usos culturais, aproveitando-se o «hall», o enquadramento das escadarias monumentais e partes permanentes, um teatro de bolso e um auditório teriam aí acolhimento. Em Junho passado, ao notificar formalmente os proprietários de que o anterior projecto — que apontava para um «aparthotel» — teria de ser reconvertido, o Município insistiu na manutenção da área cultural em nova proposta. O

facto serve aos promotores para alegarem uma «autorização táctica» para a mudança de uso do edifício.

A área «cultural», embora limitada, serviria também para tornar uma resolução da Câmara (ainda sob gestão Abecassis) a qual, perante o anúncio de que o grupo Amorim estaria interessado em adquirir o Edén, deliberou não aceitar «quaisquer obras que descharacterizem este edifício e lhe alterem a sua vocação enquanto espaço cultural, recreativo e lúdico da cidade

de Lisboa». Aprovada por unanimidade em finais do anterior mandato, esta deliberação promete dar que falar quando o novo projecto for apresentado a debate na vereação.

A POSIÇÃO desfavorável qual participaram muitos dos actuais vereadores, não é o único factor de incomodidade na Câmara. O responsável pelo pelouro que negociou a cedença das instalações para a exposição, João Soares, afirmou

em reunião da vereação, há poucas semanas, que «esta exposição e a compra do espólio de Cassiano Branco não são nada ingénuas». O então presidente interino assu-

miu-se mesmo como «co-autor moral» de uma proposta para Edén, apresentada por um eleito do CDS. Em declarações ao EXPRESSO, Soares afirmou que pretende «dar origem a um movimento de opinião» em defesa do Edén e admitiu que foram feitos «contactos exploratórios» com os pro-

prietários, sondando a sua disponibilidade para a venda ou permuta do edifício.

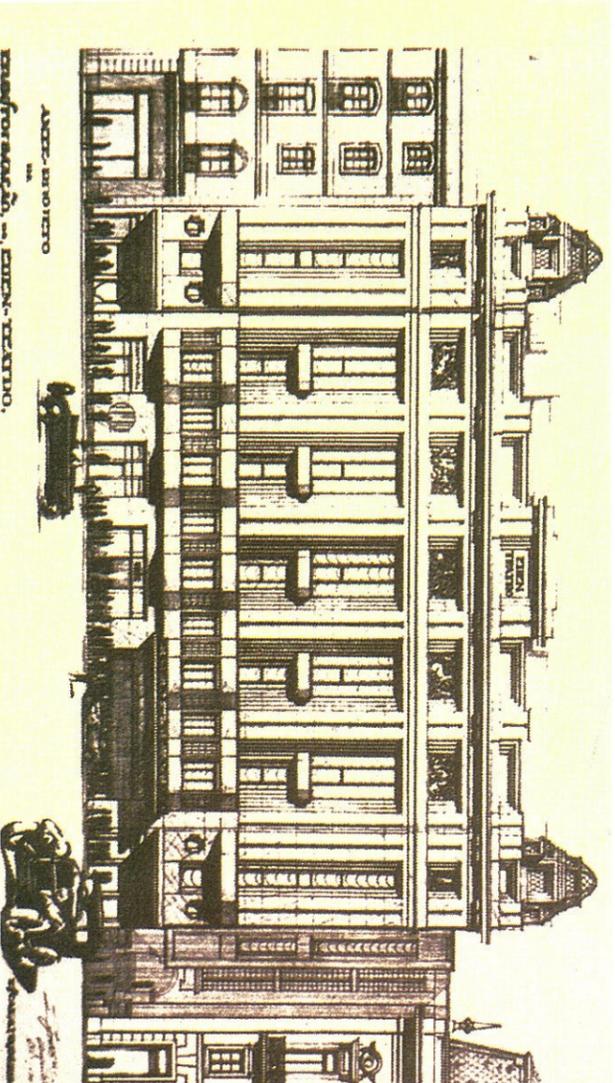
Mas, os obstáculos a superar são de monta. Desde logo, a descoberta de recursos para a compra ou permuta do edifício.

Em Dezembro de 1989, o grupo Amorim pagou pelo Edén quase um milhão de contos em numerário e agora dificilmente cederia o edifício por menos de 1,5 milhões — Almeida Guerra fala do «carinho» do grupo pelo projecto e recorda que se trata de um «edifício de prestígio», o qual teria de ser polivalente — um sonho que Henrique Cayatte, por exemplo, insiste ser possível, com exposições, concertos, conferências e mesmo congressos. «Só admito a polivalência em termos de utilização como teatro e cinema», afirma Soares.

Nesta óptica, e tendo em conta que na zona o São Luiz foi já «ressuscitado» pelo Município e que vão ser recuperados o Politeama e o Tivoli, o vereador lança outra acha para a polémica: «Talvez fosse preferível salvar o Império», onde o «dedo» de Cassiano também deixou a sua marca, embora sem a espectacularidade do Edén.

Real vontade política ou «show-off» para cobrir uma eventual retirada? Em muitos destes propósitos, é patente a contradição com o «acordo tácito» invocado pelos responsáveis do grupo Amorim. Acordo esse que responsáveis municipais pela exposição negam ter alguma vez existido.

Voltarão a ter uso público qualquer que seja o futuro do Edén. Projectos de Cassiano para a fachada do Edén: a última, de 1931, era a mais prometedora



ANEXO DO PROJECTO
REAFORMAÇÃO, em ESCALA REDUZIDA.

Edén Teatro — Segunda Proposta, 1930 — Cortes e Alçado Principal

